



Jean-Claude Carrière

# CONTOS FILOSÓFICOS DO MUNDO INTEIRO

Do mesmo autor de  
**O Círculo dos Mentirosos**



Ediouro

**JEAN-CLAUDE CARRIÈRE**

# Contos filosóficos do mundo inteiro

---

**Do mesmo autor de**  
***O Círculo dos Mentirosos***

Tradução  
Cordelia Magalhães



**Ediouro**

Título original: *Contes philosophiques du monde entier — le cercle des menteurs 2*

© Copyright 2008 by Plon

© Copyright da tradução cedido à Ediouro Publicações Ltda., 2009

*Editor associado:* A. P. Quartim de Moraes

*Assistente editorial:* Márcia Batista

*Coordenadora de produção:* Adriane Gozzo

*Assistente de produção:* Juliana Campoi

*Preparação:* Márcia Duarte Companhone

*Revisão:* Carol Wilbert

*Editora de arte:* Ana Dobón

*Projeto gráfico e diagramação:* S4 Editorial

*Capa:* Ettore Bottini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

---

Carrière, Jean-Claude

Contos filosóficos do mundo inteiro / Jean-Claude Carrière; tradução  
Cordelia Magalhães. — São Paulo : Ediouro, 2008.

Título original: *Contes philosophiques du monde entier — le cercle des menteurs 2*

ISBN 978-85-00-01721-6

1. Contos – Coletâneas I. Título.

08-09606

CDD - 808.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura 808.93



**Ediouro**

Todos os direitos reservados à Ediouro Publicações Ltda.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso

Rio de Janeiro, RJ – CEP 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212/8313

www.ediouro.com.br

# Sumário

---

<b>PREFÁCIO</b>	7
<b>PREFÁCIO DO PRIMEIRO VOLUME: AQUI EXISTE A LUZ</b>	9
<b>CAPÍTULO 1</b>   O mundo é o que é	25
<b>CAPÍTULO 2</b>   O mundo não é o que é	39
<b>CAPÍTULO 3</b>   Se tudo não passar, talvez, senão de um sonho, quem é o dorminhoco?	49
<b>CAPÍTULO 4</b>   O eu é tenaz, obscuro, detestável e, talvez, até mesmo inexistente	63
<b>CAPÍTULO 5</b>   Às vezes, o humano é demasiado humano (ou não é o bastante)	75
<b>CAPÍTULO 6</b>   Podemos escolher o conhecimento: é difícil. Podemos preferir a ignorância: é ainda mais difícil	95
<b>CAPÍTULO 7</b>   As perguntas geralmente precedem as respostas	111
<b>CAPÍTULO 8</b>   Um bom mestre pode ser útil (ou inútil)	119

<b>CAPÍTULO 9</b>	Existem outras armadilhas no caminho lógico	129
<b>CAPÍTULO 10</b>	O poder é frágil, então inquieto, então hesitante, então incoerente, então contestado, então frágil	141
<b>CAPÍTULO 11</b>	A justiça é a nossa invenção hesitante	153
<b>CAPÍTULO 12</b>	A relatividade geral é restrita (e vice-versa)	163
<b>CAPÍTULO 13</b>	Deus também é objeto de mentiras	173
<b>CAPÍTULO 14</b>	E a morte é o nosso último personagem	183
<b>CAPÍTULO 15</b>	É preciso escutar as lições dos loucos	201
<b>CAPÍTULO 16</b>	Existem ricos e pobres. E os outros?	213
<b>CAPÍTULO 17</b>	A inteligência é uma arma preciosa, porque ela pára no mistério	225
<b>CAPÍTULO 18</b>	O rir pode ser um fim em si mesmo	237
<b>CAPÍTULO 19</b>	Algumas mães judias e um cão felpudo	247
<b>CAPÍTULO 20</b>	Enigmas e adivinhações	253
<b>CAPÍTULO 21</b>	Algumas lendas esquecidas, ou quase	261
<b>CAPÍTULO 22</b>	O tempo é nosso mestre: podemos brincar com nosso mestre?	281
<b>CAPÍTULO 23</b>	A verdade, e agora?	289
<b>CAPÍTULO 24</b>	Alguns grãos de sabedoria (talvez)	297
<b>CAPÍTULO 25</b>	Algumas pistas para uma bibliografia impossível	301

# Prefácio

---

No que se refere ao método do conjunto, não vejo o que eu poderia acrescentar ao texto de apresentação do primeiro volume, publicado em 1998. Então, o reproduzo aqui, naturalmente com correções e arrumações.

Este segundo volume era imprevisível. Eu sabia muito bem que não tinha esgotado o campo das histórias, que não tem limites e que se renova incessantemente, mas não contava com uma colheita parecida.

Como para o primeiro volume, comecei lendo, escutando e, sobretudo, me vigiando para evitar toda e qualquer interpretação pessoal. Alguns leitores me enviaram espontaneamente textos ou narrativas que lhes agradaram, e eu lhes agradeço. Cheguei a utilizá-los. Para o resto, permaneci constantemente à espreita, aqui e ali, porque a história pode surgir no momento em que menos a esperamos. Frequentemente foi o caso.

Conservei algumas rubricas, acrescentei outras. Assim, por volta do fim, reuni uma dezena de lendas pouco conhecidas (locais, em sua maioria), que me pareceu reunir na medida certa todas as qualidades desejadas: anonimato, estranheza natural, profundidade. Elas não obstruíram, creio, o caminho das histórias, que permanece hesitante e inesperado.

Com frequência reencontrei Nasreddin Hodja no curso do caminho, e até mesmo lá, onde não o esperava, como na Tunísia. A cada ano apareciam um

ou dois volumes a ele relacionados, e que se copiam uns e outros. Terminei por acreditar que esse personagem de enlevo e astúcias, tão amplamente aberto a todos os defeitos humanos, como a todas as nossas malícias, é imortal.

Aqui, além das lendas, compus vários capítulos novos. Um deles é consagrado aos enigmas e às adivinhações, porque cada um deles, que constitui um jogo do espírito, me parece conter os primeiros elementos de uma história, de um reencontro, às vezes de uma breve lição de vida.

Igualmente juntei um capítulo sobre os ricos e os pobres, um outro sobre Deus. Uma das narrativas, “O comerciante de palavras”, constitui uma contribuição pessoal. Para as outras, cito as fontes quando as conheço.

Nada encontrei que pudesse acrescentar ao último capítulo do livro precedente, o que foi intitulado “O fim das histórias”. E, contudo, as histórias não foram terminadas. A prova.

Trabalhei um pouco mais de dez anos neste segundo volume, que foi um companheiro fiel, ao qual voltei quase a cada dia, e que vi crescer lentamente ao meu lado. Comporei um terceiro? Acho que não me resta tempo. Mas outros, sem dúvida, seguirão mais adiante. Permanece um caminho a ser trilhado. De fato, seguiremos aqui uma estrada sem fim, como se não tivesse marcos.

Às vezes, no que aqui é contado, é difícil discernir o que é verdadeiro e o que inventei. Depois de algum tempo, o real e o imaginário se divertem em se unir, em se seduzir, em se zangar, em se esquivar um do outro. Mas “a imaginação é a rainha do verdadeiro”, disse — acredito que bem — Baudelaire. E o contrário também é exato. O verdadeiro dá nascimento ao imaginado.

Tudo é, então, verdadeiro.

A esse propósito, um autor sul-americano, cujo nome esqueci, infelizmente, escreveu em algum lugar que conhecemos e contamos dois tipos de histórias, aquelas que são verdadeiras e aquelas que são inventadas. Mas, acrescenta esse autor, e não posso senão aprová-lo porque aqui toda a arte do narrador está em jogo, “uma história inventada deve parecer verdadeira, e uma história verdadeira deve parecer inventada”.

Assim, fica dito.

## Prefácio do primeiro volume: Aqui existe a luz

---

Semelhantes às minhocas que, como dizem, fertilizam a terra que atravessam cegamente, as histórias passam da boca aos ouvidos e vêm dizendo, há muito tempo, o que não pode ser dito de nenhuma outra maneira. Algumas giram em torno e se desenrolam, sem sair, no seio de um mesmo povo. Outras, como se fossem feitas de alguma matéria sutil, atravessam as muralhas invisíveis que nos separam uns dos outros, ignorando o tempo e o espaço, e, simplesmente, se perpetuam.

Assim, a bem conhecida entrada do palhaço, na qual um augusto desajeitado procura por um objeto perdido num círculo luminoso, não porque o objeto foi perdido naquele lugar, mas “porque aqui existe a luz”, pode ser encontrada em narrativas árabes e indianas desde o começo da nossa era. Observamos também que, desde sempre, ela tem um sentido oculto, como um objeto que um pobre homem procura. Ela nos diz, além do sabor da anedota, que é melhor procurar na luz. E, se não encontramos o objeto perdido, encontraremos outra coisa, talvez; enquanto no escuro não encontraremos nada.

Esta história — como milhares de outras — sobreviveu às guerras, às invasões, ao desaparecimento dos impérios. Resistiu aos séculos, aos incêndios, às modas literárias, às revoluções culturais. Ela caminhou por nossa memória como um grande número dos nossos segredos.

Se o conto, prazer antigo, universal, que invocamos desde a infância, conserva esta presença, esta tenacidade, é porque, sem dúvida, encerra alguma virtude. E me dizem que ele é usado, atualmente, até mesmo no mundo dos negócios, como no da ciência, para explicar e para seduzir.

E até mesmo na política: as grandes potências, como os Estados Unidos, por exemplo, usariam “roteiristas”, encarregados de imaginar as conseqüências dessa ou daquela decisão. A imaginação teria feito suas entradas no Pentágono, com os resultados que conhecemos.

Será que, algum dia, a academia atribuirá um Oscar à melhor guerra?



A primeira força de uma história é, evidentemente, nos transportar em algumas palavras a um outro mundo, àquele onde imaginamos as coisas em vez de vivenciá-las, um mundo no qual dominamos o espaço e o tempo, onde colocamos personagens impossíveis em movimento, onde povoamos outros planetas à nossa vontade, onde insinuamos criaturas sobre a relva das lagoas, entre as raízes dos velhos carvalhos, onde salsichas pendem das árvores, onde riachos sobem em direção às suas nascentes, onde pássaros tagarelas arrebatam e enlevam crianças, onde defuntos inquietos voltam em silêncio para reparar algum esquecimento — um mundo sem limites e sem regras, no qual, à nossa vontade, organizamos os reencontros, os combates, as paixões, as surpresas.

Antes de tudo, o narrador é aquele que vem de outro lugar, que reúne na praça de uma cidade os que jamais sairão dela, e que lhes faz ver outros mundos, outras luas, outros terrores, outros rostos. Ele é o mascate das metamorfoses. É aquele que capta a atenção porque traz outra coisa. É um outro olho e uma outra voz.

Nesse sentido, é por meio do “era uma vez” que a ultrapassagem do mundo — de outra maneira diz a metafísica — é introduzida na infância de cada indivíduo, e talvez também naquela dos povos, a ponto de muitas vezes verrumar ali uma raiz tão forte que consideramos as nossas imaginações humanas, toda a nossa vida, como uma realidade sem discussão. Depois do assombro e do arrebatamento, a história que nos foi contada permanece como a própria base das nossas crenças, da qual conhecemos a força cega.

Entretanto, ela não se limita a essa ultrapassagem ou, se preferirmos, a essa transgressão. Por obrigação natural, porque é essencialmente uma relação

entre humanos, ela sempre se relaciona com o público que escuta, algumas vezes, até mesmo — de uma maneira menos visível, mais secreta — ao próprio narrador, em pessoa. Ela é como um desses objetos mágicos que utilizou com tanta freqüência, como, por exemplo, um espelho que fala.

A história é pública. Quando é contada, fala por si mesma. Narciso, que não pensa senão em si mesmo, que não enxerga senão a si mesmo, não pode nem inventar, nem contar. Está perdido no seu reflexo mudo, não escuta nada. A narrativa pública de uma história, essa ação que, sem dúvida, ajuda a manter a coerência das nações, hoje aparece amplamente presente nos filmes de todos os tipos que a televisão exhibe sem parar, ou aos quais assistimos sob diferentes suportes. Sem dúvida, no passado, jamais tivemos tantos dramas, comédias, folhetins, esquetes, sagas históricas à disposição dos nossos olhos. Em quantidade, a história rivaliza com a imagem onipresente à qual, há cem anos, ela se uniu.

Em quantidade apenas; para o resto, não podemos dizer nada. É questão de gosto.

Conhecemos homens que seduzem determinadas mulheres e deixam outras indiferentes. Acontece o mesmo com as histórias.

Mais difundida do que nunca, mais enfraquecida e mais vulgarizada talvez (mas não sempre), a história contada subsiste nas mídias modernas e se espalha através da internet. Se nos perguntarmos o motivo, pensaremos imediatamente na diversão, ou seja, no desvio do nosso pensamento, das nossas preocupações. Para nós, a história está aí para nos fazer esquecer a feiúra sangrenta do mundo ou sua estupidez monótona. Ela é evasão; ela nos transporta à terra do esquecimento.

Entretanto, quando é astuta, ágil, ela nos leva rapidamente a esse mundo do qual acreditáramos nos ter libertado. O espelho aparece assim como a mão que o segura. Na ficção, logo nos reconhecemos.

Mais ainda: se a história — invenção construída numa certa ordem e batizada como “ficção” — é com freqüência anunciada claramente como tal, também pode ser, muitas vezes, clandestina. Ela pode não se reconhecer, se esconder em toda parte. Ela pode talvez estar lá, sem que o saibamos.

Porque tudo é história, até mesmo a História. Tudo é contado como uma série de ações sucessivas, das quais uma segue a outra, que ela apaga ao substituí-la. Assim segue o mundo. Aconteceu isso, depois aquilo. Os jornais, que

passam pela pessoa de um intérprete, contador de boas e de más notícias, são dramatizados inevitavelmente. Uma tomada de pessoas como reféns, uma negociação difícil, a perseguição de um assassino, uma façanha esportiva são tanto narrativas cotidianas quanto dramas. Hoje testemunharíamos a Guerra de Tróia ao vivo, com entrevistas de Aquiles, de um lado, de Helena, do outro; dos deuses também, quem sabe?

Contamos histórias como se fazia outrora. E o faremos, sem dúvida, ainda por muito mais tempo. Antes de qualquer coisa, procuramos prender a atenção do outro. Também é claro que gostamos de contar histórias sobre nós mesmos. “Sabe o que me aconteceu ontem? Não? Escute.” E nós escutamos. Muito freqüentemente, quando vivemos com alguém, nós o escutamos pacientemente contar a mesma história que já conhecemos a diversos amigos. Fazemos esse amável sacrifício. Sabemos que ele (ou ela) gosta disso, de se colocar no centro de uma narrativa. Captar a atenção, por alguns minutos. É um momento verdadeiro da existência.

Vivemos numa história, a nossa, e também na história de algumas pessoas próximas a nós. E vivemos também em outras histórias que compartilhamos com nossos vizinhos, com nosso povo e, algumas vezes, com a terra inteira. Histórias nas quais, algumas vezes, não somos senão figurantes.

Também jamais estamos satisfeitos com os nossos narradores, os nossos roteiristas, por exemplo. E é normal. Nenhum espelho pode ser totalmente satisfatório. Todos os povos, em todos os tempos, se decepcionaram com seus autores, com seus narradores. Todos aspiraram histórias melhores. Porque eles são feitos dessa substância. Na qual se reconhecem e com a qual se identificam.

Eles gostariam que suas histórias fossem melhores, porque cismam, eles mesmos, que são melhores.

Nossa vida ainda é feita de outros elementos, sem que precisemos dizer. Não somos senão narrativas. Mas, sem narrativa, e sem possibilidade de contar essa narrativa, não somos, ou somos muito pouco. E, como uma história, antes de tudo, é um movimento de um ponto a outro, que jamais deixa as coisas no seu estado inicial, vivemos nessa vazão, nessa mudança. Temos um começo, teremos um fim.

Dizem — sem provar — que a Arte, com A maiúsculo, é um desafio lançado contra o tempo que nos arrebatava e nos corrói, que as pirâmides de Gizé são apelos à eternidade, como as frases de Rimbaud, ou o teto da Capela Sis-

tina. Não tenho certeza. Colocamos tudo no mesmo saco, e “o duro desejo de durar” (já que eu mesmo não vou viver para sempre, que pelo menos alguma obra da minha lavra permaneça) não explica tudo, longe disso.

A história popular, contada ao pé do ouvido, sem nome do autor, não tem essa ambição de solidez. Ela se acomoda com a negligência e com as longas passagens pelo esquecimento. Se ela se perde depois de tudo, pouco importa. Haverá outras. Sobretudo, não acusamos ninguém. Um antigo poeta sufi disse assim: “A noite acabou e minha história não terminou. Como a noite seria culpada?”.

Contar uma história, além da partida rumo a outro lugar, é uma maneira específica de, num mesmo movimento, deixar-se levar pelo tempo e de negá-lo no mesmo golpe. Um tempo de narração se instalou quase sem esforço no leito do mestre irresistível. Ele parece perder qualquer influência e toda ação sobre nós mesmos. Nós estamos nele, no vácuo da sua onda, nós somos ele. Toda grande obra dramática que nos arrebatava abole o tempo — ao qual o tédio, guardião vigilante, nos traz de volta quando precisa.

O interesse dramático, esse velho motor humano, provavelmente tem muito a ver com essa afirmação implícita, que o narrador repete a cada instante, da sua supremacia sobre o tempo e, então, sobre a vida.

Como contei anteriormente, uma vez perguntei ao neurologista Oliver Sacks o que era, na sua ótica, um homem normal. Pergunta banal, sem grande importância. Mas, na qualidade de neurologista, Oliver Sacks tinha uma opinião a respeito. Ele hesitou e depois me respondeu que um homem normal é, talvez, aquele capaz de contar a sua própria história. Ele sabe de onde vem (tem uma origem, um passado, uma memória em ordem), sabe onde está (sua identidade) e acredita saber para onde vai (pois tem projetos, e a morte no final).

Portanto, ele se situa no movimento de uma narrativa; ele é uma história; ele pode narrar sobre si mesmo.

Quando essa relação indivíduo–história vem a se romper, por qualquer razão, fisiológica ou mental, eis que a narrativa se quebra, a história se perde, a pessoa se projeta para fora do curso do tempo. Ela não sabe mais nada, nem quem é, nem o que deve fazer. Ela se agarra a algumas semanas de existência. Sob o olhar do médico, o indivíduo parece, então, à deriva. Ainda que seus mecanismos corporais funcionem, ele se perdeu pelo caminho, ele não existe mais.